

## **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Departamento de Antropologia

Disciplina: **Sociedades Camponesas**

Profa. Christine de Alencar Chaves

1º/2022 – Segundas e quartas-feiras, 16h-17h50 (PJC BT 116)

### **PROGRAMA**

Após breve discussão sobre o conceito de campesinato, o curso propõe-se abordar a intransigente presença camponesa no Brasil, país cuja formação histórica assenta-se na grande propriedade agrária. Ele acompanhará a constituição desse campesinato, os anúncios de morte, e sua persistência, sob diferentes feições e mediante luta política, em meio às transformações da agricultura que têm servido à manutenção da concentração fundiária. Além disso, o curso pretende apresentar algumas facetas desses sujeitos sociais, situados em diferentes contextos, iluminadas por estudos etnográficos, mas também pela contribuição de sociólogos, geógrafos e historiadores.

#### **Procedimentos de ensino**

As aulas consistirão em discussão dos textos do programa conduzida pela professora com a participação ativa dos estudantes. Será aberta uma equipe no Teams, plataforma onde estarão disponibilizados os textos e que permanecerá como um canal permanente de comunicação para a turma.

#### **Avaliação**

A avaliação será feita a partir da produção de dois trabalhos tendo por referência a bibliografia do curso. O primeiro trabalho deverá ser entregue ao final da Unidade II e o segundo ao final do curso. Eles devem ter entre cinco e seis páginas, em fonte times new roman, tamanho 12 e espaçamento 1,5. A menção final será resultado da média alcançada pelo estudante nos dois trabalhos.

Conforme o andamento do curso, o programa poderá sofrer alterações.

#### **I. Prolegômenos: Vicissitudes conceituais**

Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. 2015. "O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência". *RESR*, Vol. 52 (1).

Almeida, Mauro. 2007. “Narrativas agrárias e a morte do campesinato” In *Ruris. Revista do Centro de Estudos Rurais*, Vol 1 (2).

## II. Formação agrária do Brasil: a fazenda escravista, suas brechas e além

Freyre, Gilberto. 1999. “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”. In. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Ed. Record.

Palmeira, Moacir. 2009 [1977]. “Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional” In: Cliff Welch et alii. (org.). *Camponeses brasileiros: Leituras e interpretações clássicas*, vol. I. São Paulo/Brasília: UNESP/NEAD, p.203-215.

Garcia Jr, A. Herédia, B. Garcia, M.F. 1978. “Campesinato e plantation no Nordeste”. *Anuário Antropológico 78*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 267-287.

Seyferth, Giralda. 2004. “Imigração, colonização e estrutura agrária”. In Ellen F. Woortmann (org.). *Significados da Terra*. Brasília: Ed. Unb.

Andrade, Maristela Paula. 2008. “Terra de Índio, uma caracterização preliminar”. In: *Terra de Índio. Identidade étnica e conflito em terras de uso comum*. São Luís: Edufma. pp.46-56.

Almeida, Alfredo Wagner Berno de . 2009. “Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito”. In: Emilia Pietrafesa de Godoi et alii (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social*, volume II. São Paulo: Editora UNESP, pp. 39-66.

## III. O sítio, reprodução social, sociabilidades, expressões religiosas e mundo moral camponês

Woortmann, Ellen. F. 1982. “O sítio camponês”. In: *Anuário Antropológico 81*, Vol. 6 (1). Pp. 164 a 202.

Heredia, Beatriz. 1979. *A Morada da Vida. Trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (O livro completo).

Cerqueira, Ana Carneiro. 2017. “Mulher é trem ruim. Cozinha e sistema em um povoado mineiro”. *Revista Estudos Feministas*, 25(2).

Carneiro, Maria José. 2001. “Herança e gênero entre agricultores familiares”. *Revista Estudos Feministas*, 9 (1).

Woortmann, Klaas. 1990. “Migração, família e campesinato”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 7(1), 35-53.

\_\_\_\_\_. 1990. “Com Parente não se Neguceia: o campesinato como ordem moral”. *Anuário Antropológico/87*. Brasília/Rio: Ed.UnB/Tempo Brasileiro.

Brandão, Carlos Rodrigues. 2000. “A partilha da vida: conviver” e “A partilha da vida: participar”. *O afeto da terra*. Campinas: Editora da Unicamp (capítulos a definir)

Novaes, Regina R. 1997. “As metamorfoses da besta fera: o mal, a religião e a política entre trabalhadores rurais. In. Patrícia Birman et alii (orgs). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro. EDUERJ.

**Excursão Estético:** *Cabra Marcado para Morrer* (1984), documentário de Eduardo Coutinho 159’.

#### IV. Expropriação e resistência

Sigaud, Lygia. 1979. *Os clandestinos e os direitos: Estudo sobre trabalhadores da cana de açúcar de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades.

Palmeira, Moacir. 1985. "A diversidade de luta no campo: luta camponesa e diferenciação do campesinato". In: Vanilda Paiva (org.), *Igreja e questão agrária*. São Paulo: Loyola. pp. 43-51.

Scott, James C. 2002. “Formas cotidianas de resistência camponesa”. *Raízes – Revista de Ciências Sociais e Econômicas*. Vol. 21, nº 1, p. 10-31.

Oliveira, Arioaldo U. de. 2020. “Camponeses, quilombolas, indígenas e grileiros em conflito no campo brasileiro”. In. Arioaldo U. Oliveira et alii. *A grilagem de terra na formação territorial brasileira*. São Paulo: FFLCH/USP.

Esterci, Neide. 2008. “Uma luta de resistência”. In. *Conflito no Araguaia: peões e posseiros contra a grande empresa* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social.

**Excursão Estético:** Documentário: *Tecido Memória*. [Tecido Memória completo - Bing video](#)

